



SEÇÃO: ARTIGOS LIVRES

O juízo divino em Ezequiel 9:1-11 e seus paralelos com o Dia da Expição

The divine judgment in Ezekiel 9:1-11 and its parallels with the Day of Atonement
El juicio divino en Ezequiel 9:1-11 y sus paralelos con el Día de la Expiación

Eduardo Rueda Neto¹

orcid.org/0000-0003-0180-3895
eduardo.rueda.neto@gmail.com

Recebido em: 03/04/2022.

Aprovado em: 13/06/2022.

Publicado em: 18/08/2022.

Resumo: A visão narrada em Ezequiel 9:1-11 é uma das mais representativas das várias que compõem o livro. Apresenta um quadro de juízo em que Deus ordena a destruição dos ímpios e a preservação dos penitentes, tendo como cenário o santuário ou templo de Jerusalém. Este artigo analisa essa visão a partir de sua relação com os temas santuário e juízo, dominantes no trecho em foco e em toda a obra ezequiana. Explora também os vínculos dessa narrativa simbólica com a cerimônia do Dia da Expição (Yom Kippur), prescrita e detalhada em Levítico 16:1-34 e 23:26-32. Conclui, por fim, que a imagem do santuário/templo desempenha um papel de importância central em Ezequiel e na visão do capítulo 9, associada a um juízo de natureza tipológica e escatológica que prenuncia o Juízo Final. Além disso, identifica paralelos esclarecedores com o Dia da Expição, os quais ampliam o horizonte interpretativo da pericope e possibilita um interessante diálogo com outras passagens das Escrituras.

Palavras-chave: Santuário. Templo. Juízo. Dia da Expição.

Abstract: The vision narrated in Ezekiel 9:1-11 is one of the most representative of the many that make up the book. It presents a judgment picture in which God commands the destruction of the wicked and the preservation of the penitents, with the sanctuary or temple of Jerusalem as its setting. This article analyzes this vision from its relationship with the themes of sanctuary and judgment, dominant in the passage in focus and throughout the Ezekianic work. It also explores the links of this symbolic narrative with the Day of Atonement ceremony (Yom Kippur), prescribed and detailed in Leviticus 16:1-34 and 23:26-32. Finally, it concludes that the image of the sanctuary/temple plays a central role in Ezekiel and in the vision of chapter 9, associated with a judgment of a typological and eschatological nature that foreshadows the Last Judgment. Furthermore, it identifies clarifying parallels with the Day of Atonement, which broaden the interpretative horizon of the pericope and enable an interesting dialogue with other passages of Scripture.

Keywords: Sanctuary. Temple. Judgment. Day of Atonement.

Resumen: La visión narrada en Ezequiel 9:1-11 es una de las más representativas de las varias que componen el libro. Presenta un cuadro de juicio en el que Dios ordena la destrucción de los ímpios y la preservación de los penitentes, teniendo como escenario el santuario o templo de Jerusalén. Este artículo analiza esa visión a partir de su relación con los temas santuario y juicio, dominantes en el trecho en foco y en toda la obra ezequiana. Explora también los vínculos de esa narrativa simbólica con la ceremonia del Día de la Expiación (Yom Kippur), prescrita y detallada en Levítico 16:1-34 y 23:26-32. Concluye, por último, que la imagen del santuario/templo desempeña un papel de importancia central en Ezequiel y en la visión del capítulo 9, asociada a un juicio de naturaleza tipológica y escatológica que anuncia el Juicio Final. Además, identifica paralelos esclarecedores con el Día de la Expiación, los cuales amplian el horizonte interpretativo de la pericope y possibilita un interesante diálogo con otros pasajes de las Escrituras.

Palabras clave: Santuario. Templo. Juicio. Día de la Expiación.



¹ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, SP, Brasil.

Introdução

O livro de Ezequiel está repleto de revelações simbólicas com figuras sobrenaturais e cenas fantásticas. Uma das visões que mais impressionam o leitor é a do capítulo 9, em que Deus designa executores para assinalar os justos e exterminar os ímpios, começando pelo seu santuário.

Neste artigo se analisará a passagem de Ezequiel 9:1-11 à luz dos temas santuário e juízo, que se sobressaem no contexto do próprio livro e na perícopes em questão, e se explorarão os paralelos dessa narrativa visionária com a cerimônia do Dia da Expição, descrita em Levítico 16:1-34 e 23:26-32.

No que tange à metodologia, o presente trabalho utiliza-se do que Köstenberger e Patterson (2015) denominam tríade hermenêutica. Esse método tridimensional de interpretação procura acessar o texto sagrado pelos ângulos da história, da literatura e da teologia bíblicas. A abordagem examina tanto os antecedentes históricos quanto o contexto literário para focar o conteúdo teológico. Além disso, a análise realizada nesta pesquisa é feita a partir de uma perspectiva sincrônica do texto das Escrituras, considerando-o em sua forma canônica, ou seja, em sua configuração final. O que se pretende aqui não é realizar uma exegese, propriamente. Antes, tem-se em vista ampliar o horizonte de interpretação do texto por meio das relações temáticas e textuais identificadas.

1 Contexto histórico

O autor do terceiro entre os quatro livros dos chamados "profetas maiores" se apresenta como "Ezequiel, filho de Buzi, o sacerdote" (Ez 1:3).² Estudiosos mais conservadores, bem como muitos da ala crítica, ainda mantêm a posição tradicional que atribui ao próprio profeta a autoria do livro que leva seu nome (NICHOL, 2013, p. 619).

A continuidade entre as diferentes partes da

obra, a consistência de sua mensagem, o estilo e a linguagem uniformes – em uma organização por vezes complexa –, a sequência e o registro cronológico estabelecidos pelo próprio autor, o uso da primeira pessoa do singular, caracterizando uma autobiografia, e traços de personalidade distribuídos ao longo do livro são algumas evidências apresentadas a favor dessa posição (TAYLOR, 1984, p. 14-16).

Pouco se sabe sobre a vida pessoal de Ezequiel, pois as informações são escassas, limitadas às que se encontram em seu próprio livro. O profeta era possivelmente parte de uma influente família de Jerusalém (ZIMMERLI, 1983, p. 16) e, como Jeremias, pertencia à linhagem sacerdotal (Ez 1:3) (BLENKINSOPP, 1990, p. 15). Fazia parte da aristocracia judaica que compunha o assentamento de exilados em Babilônia, expatriados por Nabucodonosor em 597 a.C. (ZIMMERLI, 1983, p. 16), por ocasião da segunda deportação (2Rs 24:14; Ez 1:2).³ Cinco anos após essa data, o jovem cativo recebeu o chamado profético (Ez 1:1-3; 2:1-7) (VAWTER; HOPPE, 1991, p. 11).

Seu trabalho foi praticamente simultâneo ao de Jeremias. Enquanto este advertia os habitantes de Jerusalém sobre a imminente destruição da cidade santa e a necessidade de arrependimento e submissão, Ezequiel pregava uma mensagem similar aos cativos em Babilônia (RADMACHER; ALLEN; HOUSE, 2003, p. 933).

O livro de Ezequiel está bem abastecido com dados cronológicos, pois apresenta 13 datas precisas que permitem situá-lo historicamente (1:1-2; 8:1; 20:1-2; 24:1; 26:1; 29:1,17; 30:20; 31:1; 32:1; 32:17; 33:21; 40:1). Como mencionado acima, o ministério profético de Ezequiel se inicia com seu chamado em 592 a.C., e sua última visão remete ao vigésimo quinto ano do exílio (40:1), que equivale a 573 a.C., em contagem inclusiva.

O livro "refere-se a um dos períodos mais críticos da história de Israel" (MCGREGOR, 1999). Como resultado do domínio assírio, o reino do

² Os textos bíblicos citados neste artigo foram traduzidos diretamente do hebraico, a partir da quinta edição revisada da *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*.

³ De acordo com Champlin (2001, p. 3197), "houve três deportações distintas do povo de Judá para a Babilônia. Daniel foi exilado quando da primeira dessas deportações. Ezequiel foi exilado quando da segunda delas. A destruição de Jerusalém e do templo ocorreu como um prelúdio da terceira deportação".

norte havia deixado de existir mais de cem anos antes, e agora a queda de Judá era uma questão de tempo. Efetivamente, o cativo babilônico já havia começado em 605 a.C., quando Nabucodonosor atacou Jerusalém pela primeira vez (Dn 1:1). O rei Joaquim (ou Joaquin) estava em cativeiro, e reinava em seu lugar Zedequias (ou Sedecias), constituído pelo rei de Babilônia (NICHOL, 2013, p. 620). A revolta popular irrompia contra o domínio estrangeiro, e logo Judá e Jerusalém, com o templo que era o orgulho da nação, seriam finalmente esmagadas pelos babilônios, em 586 a.C. (2Rs 25:1-11) (CHAMPLIN, 2001, p. 3197).

Enquanto isso, pecados abomináveis, como a idolatria, prevaleciam entre o professo povo de Deus (Ez 8), além da insubordinação, infidelidade, incredulidade e apostasia retratadas de maneira contundente nas visões e mensagens de Ezequiel, assim como na pregação de Jeremias, seu contemporâneo. Era um momento extremamente conturbado, em que os juízos de Deus já começavam a cair sobre seu povo como resultado de incorrigível impiedade.

2 Estrutura do livro

O livro de Ezequiel pode ser dividido em duas seções principais: a primeira (caps. 1-32) constitui-se de profecias de juízo e condenação sobre Israel (Judá) e as nações pagãs, e a segunda (caps. 33-48) é composta por profecias de misericórdia, restauração e salvação para o povo escolhido. O primeiro bloco, por sua vez, subdivide-se em duas seções mais: os capítulos 1 a 24, em que se concentram os juízos infligidos sobre os israelitas, mais especificamente sobre os habitantes de Judá, e os capítulos 25 a 32, nos quais há diversas condenações referentes aos povos vizinhos.

3 A centralidade do santuário/templo e sua relação com o juízo

Há uma notável riqueza e diversidade de temas em Ezequiel: a glória, santidade, transcendência, graça e misericórdia de Deus; a confiabilidade da palavra divina; a responsabilidade individual do ser humano; o poder da liderança nacional para o bem ou para o mal; a corrupção de Israel;

promessas de restauração e redenção, entre outros assuntos.

No entanto, como se vê na macroestrutura do livro, há uma predominância dos temas juízo e restauração, respectivamente na primeira e na segunda seções. Em grande medida, esses temas dão a direção conceitual da obra, já que sua teologia emerge claramente de sua estrutura literária (DYBDAHL, 2015, p. 1035).

Dentro dessa estrutura binômica, nota-se a presença de um elemento articulador central. O templo de Jerusalém com o serviço cerimonial a ele associado ocupa posição de destaque, não somente por constituir um assunto recorrente, mas também por desempenhar papel determinante no pensamento teológico do livro.

Como sacerdote comprometido com seu ofício, Ezequiel demonstra profunda consideração para com aquele significativo símbolo da fé judaica. Os oráculos de condenação dos primeiros 24 capítulos põem em evidência um crescente horror diante da profanação e destruição do santuário e do serviço sagrado, enquanto os capítulos finais relacionam a restauração de Israel com o novo templo de Yahweh, que volta para habitar entre seu povo (43:1-5) depois de ter-se afastado dele devido à intensa corrupção (11:22-23) (GALAMBUSH, 2001).

Para o profeta, a existência ou inexistência do templo parece implicar a própria existência ou inexistência da nação judaica. Desse ponto de vista, a vida e a identidade do povo judeu não eram definidas pela independência política, nem pela monarquia de ascendência davídica ou pela posse da Terra Prometida, mas pela vida e atividade do templo e pela aceitação ou rejeição deste como habitação por parte de Yahweh. A pureza ou a impureza de Judá (ou Israel), a fidelidade política e religiosa da nação e a própria presença ou ausência de Deus entre seu povo estavam centralizadas no santuário (GALAMBUSH, 2001).

Em razão disso, outros tópicos essenciais no livro aparecem em estreita relação com o templo. De fato, embora se deva reconhecer que "temas como idolatria, injustiça social, imoralidade pública e privada, juízo iminente e futuras

bênçãos de restauração e redenção não são exclusivos de Ezequiel", percebe-se, contudo, que "suas profecias relacionam esses assuntos com a centralidade do templo e a influência do sistema sacrificial na vida de Israel" (RADMACHER; ALLEN; HOUSE, 1997).

Portanto, pode-se dizer que a teologia de Ezequiel, apesar de multifacetada, traz a imagem do santuário/templo, e tudo que este envolve, como uma espécie de eixo articulador das demais ideias e conceitos.

Esse elemento articula principalmente os dois grandes temas estruturais da obra: juízo e restauração. Com este último, a relação é mais evidente, já que uma quantidade considerável de capítulos da segunda seção (40-47) é dedicada à restauração do templo. No entanto, o vínculo entre santuário e juízo na primeira seção do livro não é menos perceptível. Entre os capítulos 1 a 32, as palavras "santuário" (*miqdās*) e "templo" (*hêkāl*) e a expressão "Casa de Yahweh" (*bêt-yêhwā*) totalizam treze ocorrências, a maioria das quais em um contexto negativo, além das sete vezes em que a palavra "casa" (*bayit*), sem complemento, se refere ao templo. Mas é na visão dos capítulos 8 e 9 que a associação entre santuário e juízo fica mais patente.

A esta altura, é necessário esclarecer que o juízo apresentado em Ezequiel não era apenas de caráter temporal, restrito à sua época, mas continha também um potencial tipológico. Ao longo da história bíblica, muitos outros mensageiros da parte de Deus proclamaram juízos sobre indivíduos e nações. Entretanto, o que diferencia os anúncios proféticos de Ezequiel é sua natureza, por assim dizer, semiescatológica. "Mensagens de juízo tinham sido dadas ao povo muitos anos antes de Ezequiel, mas agora o juízo era iminente" (JANTZ, 1994, p. 1535). As advertências de Ezequiel não previam com décadas de antecedência a destruição de Jerusalém, como fizeram as mensagens de Isaías e Jeremias, por exemplo. O jovem profeta do exílio foi chama-

do apenas seis anos antes que a cidade fosse conquistada no ano 586 a.C., o que indica que seu ministério profético representava o último chamado da misericórdia divina àquele povo, antes que se consumasse o castigo.

Nesse sentido, o juízo terminante de Judá era análogo ao Juízo Final. Era um microcosmo do julgamento que ocorreria em escala macrocós-mica no âmbito celestial (SHEA, 1992, p. 15). Aliás, toda a obra de Ezequiel pode ser considerada um microcosmo, ou seja, um adiantamento tipológico das ações finais de Deus na história antes do fim do tempo de graça (DYBDAHL, 2015, p. 1034). Segundo Davidson (1991, p. 97), esse caráter da mensagem ezequiana a torna especialmente instrutiva para aqueles que vivem nos últimos dias. Além do teor intrinsecamente representativo do livro, a conexão de Ezequiel com os eventos escatológicos fica evidente também pela profunda dependência que o Apocalipse mantém com o conteúdo desse antecessor veterotestamentário.⁴

Uma vez compreendida a centralidade do santuário e sua relação com o juízo no livro de Ezequiel – um juízo tipológico de contornos escatológicos⁵ –, se procederá adiante à análise dos antecedentes que conduzem às cenas de juízo do capítulo 9, versículos 1 a 11. Essas cenas são, em si, uma unidade literária, como se verifica na delimitação abaixo.

4 Delimitação da perícopé

Os limites da perícopé que compreende o capítulo 9 de Ezequiel são bastante evidentes, pois os marcos de transição estão muito bem estabelecidos. Ainda que o capítulo 9 seja a continuação do enredo transcorrido no capítulo 8, é possível identificar entre os dois uma ligeira nota de transição.

O capítulo 9 começa com a palavra *wayyiqrā*, que significa "e clamou", "e gritou" ou "e proclamou" (v. 1). Na Septuaginta, a expressão é: *kai anekragen*. Tanto em hebraico quanto em grego, o uso da conjunção favorece a ideia de uma

⁴ Brannan e Jackson (2015) identificam 82 referências, entre alusões e ecos, do Apocalipse ao livro de Ezequiel.

⁵ Entre outros textos neotestamentários de cunho apocalíptico que retomam a temática do juízo presente em Ezequiel, está 1Pedro 4:17, com sua afirmação de que o juízo começa "pela casa de Deus". Ver Rueda Neto (2017, 2022) e Schutter (1987).

nova cena sendo introduzida, o que também é notado pelo próprio fluxo da narrativa. No final do capítulo 8, Deus afirma que, diante do estado de profunda corrupção dos habitantes de Judá, mesmo que estes gritem em elevado volume aos seus ouvidos, ele não os ouvirá (v. 18). E as mesmas palavras são usadas de maneira irônica no versículo seguinte (9:1), no qual quem grita em alta voz é Deus, aos ouvidos de Ezequiel, que, em certo sentido, representava o povo de Judá. Em seguida aparecem os executores do juízo divino em retribuição pelos pecados apresentados no livro até então, pecados estes que chegaram ao cúmulo no capítulo anterior.

O final da perícope ocorre em 9:11, onde o principal encarregado de aplicar a sentença – o homem vestido de linho – aparece trazendo o relatório de sua missão com o tom conclusivo: "Fiz conforme tudo que me ordenaste." O início do capítulo 10 introduz uma nova cena – a visão das brasas de fogo –, o que indica o início de uma nova perícope.

5 O juízo divino em Ezequiel 9:1-11 e seus antecedentes

Depois de seu chamado sobrenatural e seu comissionamento profético (caps. 1–3), e de receber mensagens de acusação e julgamento contra os habitantes de Judá (caps. 4–7), Ezequiel teve sua segunda visão. Nela o profeta foi transportado de Babilônia ao templo de Jerusalém (8:1-4). Ali presenciou a santidade de Deus sendo profanada em quatro cenas de idolatria, cada uma mais grave que a anterior.

Na primeira (v. 5-6), Ezequiel viu perto do altar de sacrifícios uma imagem pagã, descrita como "o ídolo do ciúme" (v. 3), por representar uma afronta a Deus. Na segunda cena (v. 7-13), o profeta observou setenta líderes ou anciãos de Israel adorando imagens estampadas nas paredes de um dos recintos. Ao se deparar com o terceiro quadro (v. 14-15), testemunhou mulheres participando

de um rito de lamento dedicado a Tamuz, deus pagão da fertilidade agrícola (KASCHEL; ZIMMER, 2005). Por fim, na quarta cena (v. 16-18), Ezequiel viu cerca de vinte e cinco homens, entre a porta do santuário e o altar de bronze, de costas para o templo de Yahweh e com o rosto voltado para o oriente, os quais adoravam o Sol.

Depois de apresentar essas cenas ao profeta, Deus afirmou (v. 17) que, além de irritá-lo com sua idolatria, o povo tinha enchido a terra de "violência" (*hāmas*), a mesma palavra usada para descrever a corrupção e a impiedade predominantes na época do dilúvio (Gn 6:11) (NICHOL, 2013, p. 661). Então anunciou a execução do juízo (v. 18).

Depois disso, Ezequiel ouviu a convocação dos algozes que puniriam Jerusalém (9:1). Um deles estava vestido com uma roupa de linho e carregava na cintura um "estojo de escrevente" (v. 3). A este, Yahweh deu a incumbência de passar pela cidade, fazendo um sinal na fronte de todas as pessoas que demonstrassem tristeza pelas abominações praticadas pelo povo em geral, tornando assim evidente que não pactuavam com os transgressores (v. 4). Aos outros executores, Deus deu a ordem incisiva: "Passai pela cidade após ele, e feri; que o vosso olho não se apiede, e não tenhais compaixão. A ancião, a jovem, a virgem, a criança e mulheres matai, até ao extermínio; mas a todo aquele sobre quem estiver a marca não toqueis; e pelo meu santuário começai" (v. 5-6). Seguiu-se então a matança, começando pelos mesmos líderes ou anciãos que, no capítulo anterior, tinham sido vistos em profunda idolatria (v. 7).⁶

No início, a sentença executada nessa visão pode parecer fruto de uma decisão repentina da parte de Deus, mas uma observação atenta de seu contexto mais amplo revela que, na realidade, foi o resultado de um longo processo.

No livro de Ezequiel, a "glória de Yahweh" (*kě-bôd-yěhwâ*) ou "glória do Deus de Israel" (*kěbôd-ělôhê yisrâ'el*), manifestação visível de sua pre-

⁶ É importante ter em vista que, historicamente, o morticínio resultante da aplicação do juízo descrito nessa visão se cumpriu no massacre promovido por Nabucodonosor e seus exércitos por ocasião da invasão de Jerusalém, no ano 586 a.C. Escatologicamente, como já referido, esse quadro serve como um tipo do juízo divino no tempo do fim (cf. DAVIDSON, 1991, p. 97).

sença, aparece em ocasiões distintas.⁷ Nessas aparições é possível identificar um movimento progressivo da glória divina.

Na primeira visão de Ezequiel (cap. 1), ocorrida ao quinto dia do quarto mês do quinto ano do cativeiro do rei Joaquim, o profeta observou, em seu exílio, uma tempestade vinda do norte e, com ela, uma grande nuvem brilhante, carregada de fogo e acompanhada de outras figuras, como os "seres viventes", as rodas misteriosas e o trono semelhante a safira. Essa manifestação foi descrita como sendo a "glória de Yahweh" (v. 28).

Quatorze meses depois, ao quinto dia do sexto mês, no sexto ano, ao receber sua segunda visão, detalhada anteriormente, Ezequiel relata outra vez que "ali estava a glória do Deus de Israel" (8:4; cf. 1:28). A mesma glória que, mais de um ano antes, o profeta tinha visto no exílio havia-se dirigido a Jerusalém, ao templo, onde possivelmente tinha permanecido até então.

Qual teria sido o propósito dessa permanência especial de Deus no santuário durante um tempo tão prolongado? Para Shea (1992, p. 19), é evidente que essa vinda ao templo indicava um propósito especial. De acordo com esse autor, as mensagens de acusação dadas ao profeta no intervalo entre as visões dos capítulos 1 e 8 sugerem que a obra que seria realizada ali era de juízo. Segundo Dybdahl (2015, p. 1035), o Senhor se move de sua habitação no Céu para o templo terreno, símbolo do celestial, por um longo período, "a fim de fazer a obra de investigação legal de seu povo professo, revelando quem verdadeiramente pertencia a ele e quem apenas fingia".

No capítulo 9, isso se torna ainda mais evidente pelo fato de que o professo povo de Deus é classificado em dois grupos: os fiéis e os infieis. Os sinceros deviam ser livrados, mas os ímpios sofreriam a punição por seus maus atos, na exe-

cução do juízo. Essa distinção sugere uma obra prévia de julgamento. Em vista disso, pode-se dizer, que "o julgamento dos habitantes de Judá foi investigativo no sentido de que uma decisão tinha sido tomada em cada caso e, como resultado, uma divisão havia sido realizada entre essas duas classes de pessoas" (SHEA, 1992, p. 20).

Estabelecida a decisão e executada a sentença resultante do julgamento divino, a glória de Yahweh deu início à sua partida com um gradual afastamento do templo e da cidade (10:4,19), até que por fim se retirou totalmente em direção ao leste (11:23), de onde retornaria, na visão do profeta, depois da restauração de Israel (43:2,4,5; 44:4).

6 Paralelos entre Ezequiel 9:1-11 e o Dia da Expição (Yom Kippur)

O Dia da Expição, cerimônia celebrada em conexão com o santuário, é, juntamente com este, um tema onipresente em Ezequiel. Os capítulos 40 a 47 constituem uma visão sobre a purificação e reabilitação do templo (ações relacionadas ao cerimonial anual de expiação), e a data em que o profeta teve essa visão foi possivelmente o décimo dia do sétimo mês, isto é, o exato dia do *Yom Kippur*.⁸

Para Davidson (1991, p. 100), "a mensagem de Ezequiel é a mensagem do Dia da Expição". Segundo ele, "no *tipo* apresentado por Ezequiel, temos os mesmos contornos que encontramos no *antitípico* Dia da Expição dos últimos dias" (grifo do autor).

De forma mais específica, é possível identificar pontos de contato bastante significativos entre a cerimônia do *Yom Kippur*, pormenorizada em Levítico 16:1-34 e 23:26-32, e o quadro de juízo relatado em Ezequiel 9:1-11. O primeiro e mais óbvio elemento comum entre o Dia da Expição e o processo de selamento ou execução dos habi-

⁷ Quanto a essa glória, Kunz (2019, p. 65) lembra que "ela foi apresentada como sendo algo que pertencia ao próprio Senhor. É algo tão especial do Senhor que é como se fosse o próprio Deus ali. Entretanto, esta Glória era diferente porque permitia ser vista, enquanto que o Senhor não permitia ser visto pelo ser humano". Tal suscetibilidade assumida por essa forma visível de Yahweh também se expressa no fato de que, "no universo simbólico de Ezequiel, ao habitar o templo, a Presença de Deus (o *kābôd*) torna-se" em certo sentido "vulnerável à profanação" (COOK, 2018, p. 158, 24).

⁸ Há uma discussão sobre a expressão "início do ano" (*rō š haššānā*), em Ezequiel 40:1. O mês assim mencionado pode ser tanto Nisan como Tishri. O décimo dia de ambos era bastante significativo: Em Nisan, esse era o dia em que começava a observância da Páscoa (Êx 12:3); e 10 de Tishri era o Dia da Expição (Lv 16:29), além de inaugurar o ano jubileu (Lv 25:9). Ver Hamilton (1995). O peso das evidências favorece a ideia de que Ezequiel usou um calendário de outono, ou seja, que é contado de um outono a outro, e não de uma primavera a outra, o que confirma a data da última visão do profeta no Dia da Expição. Ver Dybdahl (2015, p. 1034).

tantes de Judá é o fato de que ambas as ocasiões representavam uma espécie de processo judicial ao qual o povo de Deus estava sujeito,⁹ e ambas estavam intimamente ligadas ao santuário. De maneira semelhante, é interessante notar que, na expressão “*inspetores* da cidade” (Ez 9:1, grifo nosso) – utilizada para designar os agentes que executariam a sentença divina –, o termo em destaque é a tradução de *pēquddâ*, derivado do verbo *pāqad*, que, entre outros significados, tem o sentido de “averiguar”, “inspecionar”, o que traz embutida uma nuance judicial, investigativa.

Outra similaridade tem que ver com a roupa usada pelo oficiante principal em cada situação. A vestimenta de linho trajada pelo mais destacado dentre os executores da sentença em Ezequiel 9:2 parece ser comum aos anjos (Dn 10:5; 12:6; Ap 15:6; 19:14), mas remete também à roupa usada pelo sumo sacerdote no Dia da Expição (Lv 16:4,23). Aquela “túnica santa de linho” se assemelhava à indumentária que os demais sacerdotes vestiam em seu serviço ao longo do ano (Lv 6:10), mas era usada somente naquela ocasião especial. A Septuaginta traduz *lēbus-habbaddīm* (“vestido de linho”), em Ezequiel 10:6, pela expressão mais ampla *tō endedykoti tēn stolēn tēn hagian* (“vestido de linho santo”), que pode ser uma reminiscência de Levítico 16:4 e um indicativo da posição sacerdotal do personagem.

Alguns autores chegam a considerar o mensageiro vestido de linho como “o anjo do Senhor, o Cristo pré-encarnado” (MACARTHUR, 1997), pois “as vestes brancas sugerem sua santidade e eminência divinas” (PEARSON, 1990). Essa ideia reforçaria a imagem de sumo sacerdote, embora a evidência pareça não ser tão conclusiva nessa direção, o que faz com que a maior parte dos comentaristas considere mais razoável considerá-lo apenas uma “figura angélica” (ALLEN, 1994, p. 147).

Os textos de Levítico 16:1-34; 23:26-32 e Ezequiel 9:1-11 estão ligados também pela atitude

daqueles que, em ambas as ocasiões, eram ou foram livrados da morte. No cerimonial levítico, o povo recebia a ordem de “afligir a alma” (Lv 23:27), sob a advertência: “toda pessoa que não se afligir nesse mesmo dia será cortada de seu povo” (v. 29). O verbo aqui traduzido por “afligir” é *ānâ*, que no grau Pual também tem o sentido de humilhar (STRONG, 2002, p. 101). Portanto, no Dia da Expição, era necessária uma atitude de contrição dos membros da congregação diante de Deus, provavelmente em função dos pecados, tanto do indivíduo quanto da comunidade. Essa postura marcava a diferença entre aqueles que continuariam a viver e aqueles que seriam “cortados” (verbo *kārat*) da comunidade.

Quadro semelhante é observado em Ezequiel 9. O emissário celestial responsável por distinguir com um sinal na fronte os judeus que deveriam ser isentos da morte foi encarregado de selar “os homens *que gemem e lamentam* por todas as abominações que se fazem no meio dela [da cidade]” (v. 4, grifo nosso). A expressão *han-neñāhīm wēhanneñāqīm* (jogo de palavras com sonoridade semelhante) demonstra a contrição e a lamentação do remanescente de Judá pela corrupção generalizada, ou seja, em relação ao pecado da comunidade mais ampla. Essa atitude indicava sinceridade, integridade e não conformidade com as práticas abomináveis da maioria. Além disso, como no Dia da Expição, a contrição e humilhação de alma punham à parte aqueles que não deveriam ser eliminados dentre o povo escolhido. Assim, “o caráter distintivo deste remanescente que deve ser salvo é tal suspiro e choro a Deus em oração, por causa das abominações de Jerusalém” (HENRY, 1999, p. 621).

Por fim, outra convergência que precisa ser destacada entre a visão de Ezequiel e o Dia da Expição é, naturalmente, a dependência de ambas as ocasiões quanto ao santuário. Enquanto todo o cerimonial levítico relativo a essa celebra-

⁹ Rueda Neto (2022, p. 11) lembra que “o cerimonial do Dia da Expição, realizado anualmente com acesso à parte mais interior do santuário hebraico (o lugar santíssimo ou ‘santo dos santos’) era “considerado tanto nas Escrituras quanto na tradição judaica como um dia de decisão e purificação, com fortes conotações de juízo (Lv 16:29,30; 23:27,29)”. Ver Jastrow Junior e Margolis (1902, p. 286), disponível em: <https://www.jewishencyclopedia.com/articles/2093-atonement-day-of>. Kemp (2017), por sua vez, identifica e evidencia o teor legal da chamada “visão do templo”, nos capítulos 8 a 11 de Ezequiel. Segundo ele, “a presença consistente de elementos jurídicos nessa visão revela que as declarações dos judaítas em Ezequiel 8:12 e 9:9 [Yahweh abandonou a terra, Yahweh não nos vê] são uma fórmula quase legal que descreve sua percepção da relação legal entre eles, Yahweh e a terra”.

ção ocorria entre o átrio externo e os recessos mais internos do santuário ou templo, as cenas de Ezequiel 9, assim como as do capítulo 8, se passam no santuário ou tendo-o como principal cenário.

Por todas essas similaridades é possível verificar, portanto, a existência de um diálogo bastante elucidativo entre o quadro simbólico de Ezequiel 9:1-11 e as prescrições relativas ao Dia da Expição presentes no livro de Levítico.

Considerações finais

O recorte feito neste trabalho enfocou a relação entre santuário e juízo no âmbito de Ezequiel 9:1-11 e os paralelos percebidos na visão narrada com a cerimônia levítica do Dia da Expição ou *Yom Kippur* (Lv 16:1-34; 23:26-32).

Dessa análise, concluiu-se que a imagem do santuário ou templo ocupa uma posição central em Ezequiel e serve de elemento articulador dos principais temas do livro, sendo particularmente notável a associação com o tema do juízo.

Esse juízo, por sua vez, demonstra ter, além de sua natureza temporal e imediata, um caráter tipológico e escatológico, na medida em que, por sua iminência, serve de microcosmo para a realidade macrocômica do Juízo Final.

Em Ezequiel 9:1-11, tal juízo, tendo como pano de fundo o santuário, parece resultar de um processo prévio de averiguação divina dos pecados do povo de Jerusalém e Judá, e se desdobra em uma sentença que devia preservar a vida dos justos e devotos e exterminar os ímpios e profanos.

Esse quadro contém paralelos expressivos com o cerimonial bíblico do Dia da Expição, como o teor judicial de ambas as ocasiões, a separação entre penitentes e impenitentes, a vestimenta dos oficiantes, a atitude de humilhação e contrição esperada dos adoradores, além de sua evidente ligação com o santuário.

Dessa forma, o texto de Ezequiel 9:1-11 se encontra emoldurado por componentes que transcendem os limites da pericope, estabelecendo assim uma interessante rede de diálogo intrabíblico com outros temas e passagens das Sagradas Escrituras.

Para futuros estudos, sugere-se a busca por outros dados estruturantes no livro de Ezequiel e a averiguação de eventuais vínculos com outras passagens do cânon, sobretudo do Pentateuco, tendo em vista seu caráter fundante e embrionário.

Referências

- ALLEN, L. C. *Word Biblical Commentary: Ezequiel 1-19*. Dallas: Word, 1994.
- BLENKINSOPP, J. *Interpretation, a Bible Commentary for Teaching and Preaching: Ezequiel*. Louisville, KY: John Knox Press, 1990.
- BRANNAN, R.; JACKSON, J. G. *New Testament Use of the Old Testament*. Logos Bible Software. Bellingham, WA: Faithlife, 2015.
- CHAMPLIN, R. N. *O Antigo Testamento Interpretado: Versículo por Versículo*. São Paulo: Hagnos, 2001. v. 5.
- COOK, S. L. *The Anchor Yale Bible: Ezekiel 38-48*. New Haven; London: Yale University Press, 2018.
- DAVIDSON, R. M. In confirmation of the sanctuary message. *Journal of the Adventist Theological Society*, Berrien Springs, v. 2, n. 1, p. 93-114, 1991.
- DYBDAHL, J. L. (ed.). *Bíblia de Estudo Andrews*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015.
- ELLIGER, K. et al. (ed.). *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*. Revisão de Hans Peter Rüger. 5. ed. rev. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.
- GALAMBUSH, J. Ezekiel. In: BARTON, J.; MUDDIMAN, J. (ed.). *Oxford Bible Commentary*. Biblioteca Digital Libronix. New York: Oxford University Press, 2001. Livro não paginado.
- HAMILTON, V. P. Ezekiel. In: ELWELL, W. A. (ed.). *Evangelical Commentary on the Bible*. Logos Bible Software. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1995. Livro não paginado.
- HENRY, M. *Comentario de la Biblia Matthew Henry*. Miami: Unilit, 1999.
- JANTZ, E. A. Ezekiel. In: HINDSON, E. E.; KROLL, W. M. (ed.). *KJV Bible Commentary*. Nashville: Thomas Nelson, 1994. p. 1535-1625.
- JASTROW JUNIOR, M.; MARGOLIS, M. L. Atonement, Day of. In: SINGER, I. (ed.). *Jewish Encyclopedia*. Nova York: Funk & Wagnalls, 1902. v. 2, p. 284-289.
- KASCHEL, W.; ZIMMER, R. *Dicionário da Bíblia de Almeida*. 2. ed. Biblioteca Digital Libronix. Barueri, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005. Livro não paginado.
- KEMP, J. B. Renounced and abandoned: the legal meaning of *zb* in Ezekiel 8:12 and 9:9. *The Catholic Biblical Quarterly*, Baltimore, v. 79, n. 4, p. 593-614, 2017.

KÖSTENBERGER, A. J.; PATTERSON, R. D. *Convite à Interpretação Bíblica: A Triade Hermenêutica – História, Literatura e Teologia*. São Paulo: Vida Nova, 2015.

KUNZ, M. Z. Análise do espaço e personagens nos capítulos 43 a 48 de Ezequiel, a partir de enfoques semióticos. *Revista Batista Pioneira*, Ijuí, v. 8, n. 1, p. 51-81, 2019.

MACARTHUR, J. *The MacArthur Study Bible*. Logos Bible Software. Nashville: Word, 1997. Livro não paginado.

MCGREGOR, L. J. Ezequiel. In: CARSON, D. A. *et al.* (ed.). *Nuevo Comentario Bíblico Siglo Veintiuno*. Logos Bible Software. Miami: Sociedades Bíblicas Unidas, 1999. Livro não paginado.

NICHOL, F. (ed.). *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013. v. 4.

PEARSON, A. T. Ezekiel. In: PFEIFFER, C. F. (ed.). *The Wycliffe Bible Commentary: Old Testament*. Biblioteca Digital Libronix. Chicago: Moody Press, 1990. Livro não paginado.

RADMACHER, E. D.; ALLEN, R. B.; HOUSE, H. W. (ed.). *Nuevo Comentario Ilustrado de la Biblia*. Nashville: Editorial Caribe, 2003.

RADMACHER, E. D.; ALLEN, R. B.; HOUSE, H. W. (ed.). *The Nelson Study Bible*. Logos Bible Software. Nashville: Thomas Nelson, 1997. Livro não paginado.

RUEDA NETO, E. "El juicio comienza por la casa de Dios": un estudio de 1Pedro 4:17 y sus conexiones intra-bíblicas con Ezequiel 9:6 y Malaquías 2:17-3:5. 2017. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Universidad Peruana Unión, Lima, 2017.

RUEDA NETO, E. Uma breve análise do diálogo intertextual entre Ezequiel 9:6, Malaquias 2:17-3:5 e 1Pedro 4:17. *Revista Caminhando*, São Bernardo do Campo, v. 27, p. 1-14, 2022.

SCHUTTER, W. L. 1Peter 4:17, Ezekiel 9:6 and Apocalyptic hermeneutics. *Society of Biblical Literature Seminar Papers*, Atlanta, n. 26, p. 276-284, 1987.

SHEA, W. *Selected Studies on Prophetic Interpretation*. Edição revisada. Washington, DC: Review and Herald, 1992.

STRONG, J. *Diccionario Strong de Palabras Originales del Antiguo y Nuevo Testamento*. Nashville: Caribe, 2002.

TAYLOR, J. B. *Ezequiel: Introdução e Comentário*. São Paulo: Mundo Cristão, 1984.

VAWTER, B.; HOPPE, L. J. *A New Heart: A Commentary on the Book of Ezekiel*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1991.

ZIMMERLI, W. *Ezekiel 1: A Commentary on the Book of the Prophet Ezekiel, Chapters 1-24*. Philadelphia: Fortress Press, 1983.

Eduardo Rueda Neto

Mestre em Teologia pela Universidade Peruana Unión (UPeU), em Lima, Peru. Doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), em São Paulo, SP, Brasil.

Endereço para correspondência

Eduardo Rueda Neto

Praça Pe. José de Anchieta, 158

Jd. Fortunato Minghini, 18276-610

Tatuí, SP, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do autor antes da publicação.